

Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

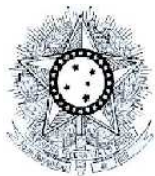
Escrevendo a História - Série Brasileira

**Discurso proferido na sessão de 10 de junho de 1965,
publicado no DCN de 11 de junho de 1965, página 435.**

O SR. PLÍNIO SALGADO (Sem revisão do orador) – Senhor Presidente, Srs. Senadores, Senhores Deputados, Srs. representantes da Marinha, do Exército, da Aeronáutica, mais do que o estudo da História e o conhecimento dos fatos que se desenrolaram em tempos pretéritos entendo que a interpretação da História é a que convém para a formação do espírito cívico da nacionalidade e para o encaminhamento de sua marcha, segundo os seus destinos históricos. Tenho para mim que a história deve ser interpretada de acordo com os três fatores tomados unilateralmente pelos filósofos, mas que conjugo numa só expressão. Há os que interpretam a História de acordo com as leis do determinismo materialista, condicionando os acontecimentos a circunstâncias anteriores que determinam novos fatos, dos quais se geram outros. Há aqueles como Carlyle que põem na ação exclusiva dos heróis o comando dos acontecimentos históricos; esses adotam o livre arbítrio exclusivamente ou a interferência do homem na marcha dos fatos que se processam na História. E há, finalmente, aqueles providencialistas, que colocam tudo nas mãos de Deus como se Deus não houvesse dado liberdade ao homem para que ele colaborasse, com sua ação, nos desígnios da Providência. Eu conjugo os três elementos. E na apreciação da Guerra do Paraguai e dos fatos históricos brasileiros acho que operou o determinismo histórico, baseado nas circunstâncias geográficas que poderemos hoje chamar geopolíticas. Entendo que houve a interferência direta do livre arbítrio das nacionalidades americanas. Entendo também que, acima do determinismo histórico e do livre arbítrio, operou a Providência Divina.

A História do Brasil costumo eu dividir em três ciclos. O primeiro, o da expansão territorial, defesa da Pátria no mar e avanço para o sertão desconhecido com integração de novos territórios. O segundo ciclo será aquele em que houve a integração jurídica da nacionalidade. Começou, acredito eu, antes de 1750, mas se positiva e se torna explícita no Tratado de Madri, em 13 de janeiro de 1750, quando Alexandre de Gusmão, o artífice daquele instrumento internacional, interpretou o sentimento da nacionalidade brasileira que transitava do mero sentimento da nacionalidade brasileira que transitava do mero sentimento de Pátria para a consciência de Nação.

Daí por diante, integrado juridicamente o território, nós encontramos a semente da



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

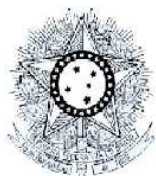
diferenciação dos grupos nacionais americanos dos da Europa, porquanto o art. 3º daquele Tratado reza que, no caso de se empenharem em guerra no continente europeu Portugal e Espanha, ficavam isentas de lutar entre si as colônias portuguesas e espanholas. Ora, o reconhecimento da nossa diferenciação de nacionalidade é distinção. A partir de então, consolidada a posse do nosso território pela aplicação do **uti possidetis** do Direito Internacional, começamos a elaborar nossa integração política com os primeiros pruridos de independência manifestados principalmente na Inconfidência Mineira e nos acontecimentos conseqüentes da decisão de colônia quando era reino independente, ombro a ombro com Portugal.

Dessa data em diante, quer no período agitado do Primeiro Império, quer nos dias tumultuosos da Regência, e, posteriormente, depois da maioria de Pedro II, através de toda a ação política de estadistas eminentes, entramos na fase da integração política do País.

O Tratado de Madri, de 13 de janeiro de 1750, traz o germe do pan-americanismo, a consciência portanto da união dos povos livres da América, no sentido de marcharem para o objetivo comum de realizar uma civilização baseada na Democracia, nas liberdades humanas.

É daí que parte o sentido de solidariedade continental, que não se cinge apenas ao conceito de Monroe quando se levanta contra as possibilidades da Santa Aliança organizada pelo czar da Rússia, pela Áustria e pela França, declarando que a América é para os americanos e dizendo que, em caso de agressão contra qualquer um de nós, todos os outros se levantariam para defender o agredido. Não. A doutrina pan-americana também teve o sentido de preservação dos povos contra as ditaduras, contra os regimes absorventes e totalitários que suprimem as liberdades humanas e, por conseguinte, há interesse de cada uma das nações americanas e de todas em conjunto, no sentido de sustentar os princípios da Democracia onde quer que ela esteja ameaçada.

Criamos nessa fase de integração política, um alto sentido nacional. Devemos ao Império a figura magnânima de D. Pedro II e dos altos estadistas que o rodearam, a formação dessa consciência política brasileira que é exemplo sem par entre as nações da América, porquanto nunca nos perdemos nos pronunciamentos, nunca nos agitamos por interesses pessoais ou de caudilhos. Pelo contrário, as próprias Forças Armadas da Nação tem dado constantes exemplos da sua generosidade e da sua desambição, quando, interferindo em momentos graves da História, para recompor o equilíbrio perdido



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

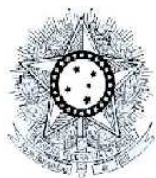
da Nação, imediatamente a reintegrar no curso normal da democracia. (Palmas).

Se formamos essa consciência de política interna, também o Império nos legou a tradição de uma política externa que encontra na raiz da Organização dos Estados Americanos, que é genuinamente brasileira, ainda que se embeba nas inspirações de homens como Bolívar e aqueles que galoparam no peito do continente, fazendo ressoar os gritos de liberdade e de democracia no Novo Mundo.

O Brasil na política externa foi durante o Império um País altamente imbuído de idéias realistas. Não nos perdemos, como nos temos perdido ultimamente, em considerações de qualquer outra ordem que não sejam a da sustentação da democracia no Novo Mundo e da defesa nacional. A política do Império, com raízes remotas no Reinado de D. João VI e talvez mais remotas ainda, na Guerra do Século XVII, contra os holandeses, condicionou a linha da política exterior aos interesses da defesa nacional. E não pode haver em nosso tempo outra linha, porquanto temos visto a Organização das Nações Unidas tem-se conformado com fatos consumados que atentam contra os princípios pelos quais foi fundada.

Excluída, portanto, a idéia ética ou jurídica do convívio internacional, resta-nos somente uma linha política externa, aquela que nos leva à defesa do nosso território, da nossa soberania, contra tudo aquilo que pode ameaçá-la em determinadas circunstâncias históricas. A Guerra do Paraguai está inserida na linha desta política. É a mesma linha traçada quando tivemos de intervir no Prata, quando tivemos de liberar o povo argentino da ditadura de Rosas. É a mesma linha política adotada na Província Cisplatina, hoje o Estado do Uruguai, tendo em mira restituir a liberdade e a democracia ao povo que delas estava espoliado. A Guerra do Paraguai começa com a agressão de Francisco Solano Lopes. Este homem a quem não se pode negar a qualidade de patriota, era, entretanto, de ambição desmedida. Logo que assumiu o Governo, em 1862, pôs todo o seu empenho em armar aquele País. Em 1864, o Paraguai era uma potência militar, com 64 mil homens armados e preparados para qualquer emergência, com uma marinha-de-guerra constante já de 14 navios, aos quais se iam juntar outros encomendados no princípio do conflito com as três nações aliadas.

Criou ele uma mística, a mística da expansão territorial e da fundação de grande monarquia, na qual incluiria a banda oriental do Uruguai e as providências de Correntes e outras do território argentino. É preciso lembrarmo-nos de que para qualquer objetivo político é necessário criar-se uma mística. Nosso País, para fins superiores e nobres,

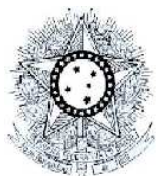


Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

precisa criar essa mística, sem o que não há administração, não há economia, não há finanças, não há forças armadas, não há nada. Lopez utilizou-se para maus fins de um meio nobre e alto: criou a mística na sua tropa. Em novembro de 1845, seguia pelo Rio Paraná o navio brasileiro “Marquês de Olinda”. Lopez não trepidou em apresá-lo, tornando prisioneiros todos os que nele viajavam, inclusive o Coronel Carneiro Campos, Presidente do Estado de Mato Grosso. Era um ato de agressão. O Brasil ainda esperou. A longanimidade do Imperador corria parrelha com o senso realista de sua política exterior. Mas, logo depois, em dezembro, as tropas paraguaias tomam o Forte de Coimbra com apenas 124 homens para defendê-lo. Era impossível resistir. A operação realizada foi de uma retirada estratégica em que não perdemos um só homem. Praticamente, o Paraguai se pusera em guerra com o Brasil. Entretanto, só em janeiro o Governo Imperial resolveu declarar guerra àquele que nos agredia e invadia nosso território. Mas esta declaração de guerra, redigida pelo Visconde do Rio Branco, traz uma frase que define bem os mais nobres e generosos sentimentos do Governo Imperial, verdadeiro intérprete do povo brasileiro. Diz o Visconde do Rio Branco nesta nota: “O Governo Imperial defenderá sua dignidade e seus direitos, repelindo o agressor mas não contundirá a Nação Paraguaia com o Governo que a infelicitiza e a leva para uma aventura de tantas conseqüências”. Aí ficou claro que não declaramos guerra ao povo paraguaio, mas a Francisco Solano Lopez, do mesmo modo como, recentemente, as nações democráticas, declarando guerra ao nazismo alemão não declarou guerra ao povo alemão. Tanto que, após o conflito, todas as mãos se estenderam para ajudar aquele nobre povo a soerguer das ruínas. Começa a Guerra do Paraguai. Que fazer? Preliminarmente, bloquear Francisco Solano Lopez, para evitar que descesse pelo Paraguai à Baía do Prata. Os nossos estrategistas, homens de alta visão política e, no mesmo tempo, de grande conhecimento militar, entendem que é preciso fechar o caminho a Lopez, para que não descesse o Rio Prata. É o Almirante Tamandaré o incumbido desta operação. Encontra-se comandando a esquadra Brasileira e designa o Comandante Gomensoro para subir o rio e ir, com oito navios de guerra brasileiros, deter os passos do caudilho. Logo depois, envia de Montevideú mais três navios: um em que ia o Almirante Barroso, incumbido de assumir o comando geral de esquadra – era a Fragata “Amazonas”, navio pesado, de rodas, e que iria encontrar grandes dificuldades nos baixios e nos bancos de areia daquela imensa bacia fluvial. Ia acompanhando por outros dois pequenos navios e, chegando a Góia assume o Comando Geral da esquadra. Inicia



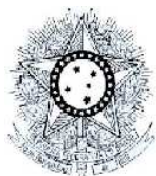
Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

a marcha rio acima. Já Corrientes, cidade argentina, estava em mãos das tropas paraguaias e, em conjunção com as forças do General Palmero, consegue-se tomar Corrientes. Lopez fica enfurecido e resolve destruir a esquadra brasileira, acrescida de três navios aliados. Encontra-se, então, a nossa esquadra no ponto em que o pequeno riacho, que justamente por ser pequeno era chamado Riachuelo, atinge as águas do grande rio, pouco abaixo de Corrientes. Disse uma testemunha ocular que os nossos navios pareciam uma serpente de 1 quilômetro e 800 metros de extensão, alinhados naquele ponto. Eis que chega o 11 de junho de 1865, domingo da Santíssima Trindade. O dia, que amanhecera enevoadado, pouco a pouco se iluminou com um céu azul. É um dia de glória. Como que a natureza, naquele frio de 10 graus centígrados, quer-se engalanar para o triunfo das nobres idéias libertadoras de um povo verdadeiramente democrático. Prepara-se o altar no navio capitânia, para a celebração do Santo Sacrifício da Missa. Eis que, nove horas da manhã, o navio “Mearim”, que se encontra na vanguarda, dá o sinal de inimigo à vista e logo depois oito navios inimigos. Barroso, imediatamente, dá o sinal – preparar para o combate. Em seguida, descem rapidamente navios paraguaios, de calado menor e, por conseguinte, mais agilmente à vontade naquele cenário onde nossos navios, pesados, encontravam sérias vicissitudes. Rompe o fogo, por parte de nossos navios. Responde o fogo dos navios paraguaios e de artilharia de terra, que nas barrancas do rio cooperava para a vitória das armas de Lopez. Inicia-se o combate. E um combate terrível. Grandes dificuldades encontram nossos navios, a ponto de o “Jequitinhonha” ter encalhado. Os outros entram em luta: é o “Mearim”, o “Iguatemi”, o “Ivaí”, o “Ipiranga”, o “Beberibe”, nome de rios brasileiros.

Que misteriosa simbologia aquela! Os rios que correm por nossa Pátria são os portadores das mensagens das longas distâncias de que vieram. Nada melhor para significar a unidade nacional do que o curso dos rios. Eles trazem recados de remotos sertões. Eles vem despertar lembranças de todo o território da Pátria. Enquanto as montanhas são paradas, estáticas, os rios são dinâmicos e levam nas suas águas recados e mensagens (Palmas). Eis ali os nossos navios tem os nomes dos rios brasileiros. E, a capitaneá-los, o maior dos rios, o Amazonas, nome da fragata capitânia. Foi realmente o Brasil, a alma da Pátria que se levantou naquele instante, para cumprir uma missão histórica. Mas o combate continua. De terra a artilharia ribomba. Ao alcance da fuzilaria das barrancas, caem patrícios nossos, que respondem fortemente à agressão. Barroso manda, então, um sinal que diz: “Sustentar o fogo, que a vitória é



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

nossa”. Sustentam. Entre os episódios que mais calam na memória dos brasileiros se encontra o do navio “Parnaíba”. Como que foi o ponto culminante da batalha. Foi o ponto mais alto do sentimento nacional.

Dera-se a abordagem. Encontraram-se os paraguaios a lutar corpo a corpo, com arma branca, contra os nossos. Eis que um oficial arranca a bandeira brasileira do mastro. Desce-a. Neste instante, como que todo o sentimento brasileiro se acrisola no coração dos bravos militares que ali estão. Exército e Marinha estão unidos, porque o contingente do comandante Brucci leva soldados do Exército, em número de mil e duzentos. Unem-se à Marinha.

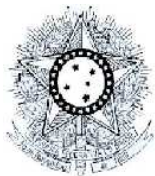
Que sagrado exemplo para os nossos dias, em que tanto necessitamos da união das três Armas do nosso País! (Palmas prolongadas).

Lutam. Caem os bravos oficiais do Exército e da Marinha, um a um, na defesa do pavilhão nacional. É nesse instante que o Guarda-Marinha Greenhaugh e o marinheiro de primeira classe, o célebre, o famoso Marcílio Dias, se imortalizam: arrancam das mãos do inimigo as bandeiras, nelas se envolvem, tingem-nas com seu sangue vermelho de patriotismo e sucumbem envoltos no pavilhão nacional. (Palmas prolongadas).

Pouco depois, apesar de toda a tristeza e acabrunhamento pela perda daqueles heróis, eis que estrugem, com alegria, vivas ao Imperador, vivas ao Brasil, vivas ao Almirante Barroso. Que foi? Foi o “Parnaíba” que rechaçou os inimigos, foi o “Parnaíba” que tornou a hastear a bandeira verde-amarela de nossa Pátria! (Palmas).

O combate prossegue, quando o Almirante Barroso – ainda que, posteriormente, passível de censura de Tamandaré, como se viu na leitura feita pelo Senador Vasconcelos Torres da carta que lhe dirigiu aquele grande brasileiro - resolve - o que é comum ao brasileiro: O brasileiro é improvisador até no futebol; (Riso) vence sempre na improvisação; surpreende a técnica adversária; a capacidade imaginativa é uma característica da nossa raça – Barroso resolve fazer do seu navio um aríete, um esporão e acomete os navios paraguaios. Afunda três dos mais importantes por esse meio.

O terror começa a estabelecer-se na tropa inimiga. O combate prossegue. O “Mearim” põe a pique mais um navio paraguaio. Outros navios fortemente atacam. E, de repente, os paraguaios abandonam os navios e saem a nado. Nas barrancas, onde a artilharia cantavam constantemente sobre os nossos navios e nossos homens, começa também a estabelecer-se o pânico, porque a nossa artilharia varria inteiramente aquela moldura de fogo em que se encontrava nossa esquadra. As quatro horas da tarde



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

sobraram apenas quatro navios paraguaios, que fogem precipitadamente rio acima. Estava ganha a Batalha do Riachuelo. (Palmas).

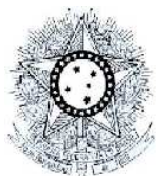
A significação dessa batalha na Guerra do Paraguai foi enorme. Dali prosseguiu, tomando a fortificação de Mercedes e, posteriormente, avançando mais para o norte. Seguem-se páginas de epopéia que não é momento relembrarmos aqui, quando focalizamos apenas o episódio da Batalha do Riachuelo. É a tomada de Curupaiti, é a passagem de Humaitá, que pareceria impossível, dadas as correntes de margem a margem do rio. São as lutas conseqüentes, e que se inscrevem em Toneleiros, até Campo Grande, e finalmente em Cerro Corá.

Termina a Guerra em 1870. O Brasil age magnanimamente com o povo paraguaio. A desgraça de um ditador impensado! O Paraguai, que contava com um milhão e duzentos mil habitantes, ao terminar a guerra não tem mais do que duzentos mil habitantes.

Honra seja feita a esse povo, que se abateu denodadamente, ainda que induzido ao erro com a mística sagrada da pátria, nesse ponto dando-nos exemplo para em qualquer emergência agirmos do mesmo modo. (Palmas).

A política do Império continua seguindo aquela linha que nos vinha de tempos remotos, herança dos portugueses, esses grandes colonizadores e políticos, estadistas, filósofos da História, intérpretes dos destinos das pátrias por eles criadas. Vem de tempos remotos.

Neste momento em que o Congresso Nacional rende homenagens a nossa Marinha de Guerra, o meu sentimento transformado em emoção faz-me ver na longa noite da História como esbatidas ao luar da permanente recordação as nossas façanhas marítimas. Elas têm raízes! Elas têm tradição! Elas são castiças! Elas vêm desde os tempos das batalhas dos holandeses. Elas vêm dos tempos em que os brigues e as canhoneiras francesas e inglesas empreendiam a invasão e o domínio de nossa terra. Como que vejo ao luar dessa recordação as figuras de Duguay-Trouin, de Cavendisch, de Duclerc, de Mem de Sá, de Estácio de Sá, como que vejo nos nossos mares austrais percorrem nesses navios desde o tempo da colônia e depois do Império, afirmando a soberania da Pátria, afirmando o ardor dos brasileiros em defender a sua terra os seus princípios. Ali, naquele tempo! Naquele tempo éramos grandes, respeitados. Nossas esquadras desciam para o Sul para impor ordem no rio da Prata. Não havia ninguém que discursasse em nome do princípio que só existe na boca dos demagogos. Havia um



Câmara dos Deputados

Departamento de Taquigrafia, Revisão e Redação

Escrevendo a História - Série Brasileira

sentido realista ou cumprimento do dever da consciência pan-americana a sustentar a integridade do novo mundo e a integridade dos princípios democráticos.

Ó marinheiros do Brasil! Soldados do mar! Quando estive, por motivos políticos, preso na Fortaleza de Santa Cruz, eu escutava o mar bater nas pedras e entrar pelas casamatas com ribombos oceânicos, e escrevi um poema, o “Poema da Fortaleza de Santa Cruz” em que procurei reviver toda a glória militar do Brasil, a vossa glória, marinheiros do Brasil (palmas), a glória de vossos irmãos de terra e, já agora, de vossos irmãos do ar.

O Conde de Lippe, nos fins do Século XVIII, introduziu, com a reforma do Exército português, um costume altamente significativo. Ali naquela fortaleza, de hora em hora, um sentinela gritava: “Sentinela alerta!”. E o outro, nas sombras da noite, com a cabeça coroada pelas estrelas, respondia: “Alerta estou!”.

E, então, nesse poema, disse: “Grita, sentinela! Grita bem alto, repetidamente, para despertar nossa Pátria! Que o teu grito vá além de nossas montanhas, de nossas cordilheiras, de nossos rios, a dizer que Caxias está vivo, que Tamandaré, Barroso, estão vivos (palmas), e tão vivo o Brasil com os seus heróis do passado na consciência dos militares de nosso País e na consciência do povo brasileiro”.

Sejam estas palavras a minha suprema homenagem, no centenário da Batalha de Riachuelo, às três Forças Armadas do Brasil, e, no particular, a nossa Marinha de Guerra para que, gritando, “Sentinela, alerta!” cada brasileiro em cada rincão de nossa Pátria se sinta com a responsabilidade pela defesa da liberdade, da democracia, da soberania, da honra e da dignidade do Brasil, com a responsabilidade de responder: “Alerta estou!”. (Muito bem; muito bem. Palmas. Orador é cumprimentado).